

SÉRGIO JOSÉ WANDERLEY DE MENDONÇA
■ Juiz federal

A penicilina, enfim, permitiu ao idoso contemporâneo não mais assombrar-se com o tempo, mas sim tê-lo como aliado, celebrando a senilidade como grandiosa conquista.

Penicilina: a maior descoberta da história humana

Casimiro de Abreu celebrizou-se como o "poeta da família" pela exaltação das fases da vida, especialmente a infância. No poema "Meus oito anos", assinala a saudade da "aurora da vida, da infância querida, que os anos não trazem mais". Mais adiante, o compositor Ataulfo Alves, em "Meus tempos de criança", expressa que "não sabe porque a gente cresce, se não sai da gente as lembranças dos dias de criança", relembrando "a professora que lhe ensinou o beabá, e Mariazinha, seu primeiro amor", afinal concluindo que "era tão feliz, que daria tudo que tinha para voltar aos dias de criança".

Nestes poemas, bem mais do que a exaltação da infância, percebe-se o assombro pelo fluir do tempo, deixando para trás as alegrias da aurora da vida, avançando à idade crepuscular e à desconstrução da juventude.

O tempo passou, e hoje verifica-se que os famosos poemas não são errôneos, apenas devem ser compreendidos às suas épocas. No século retrasado, a expectativa de vida dos brasileiros era de cinquenta anos. Casimiro morreu aos vinte e um anos, e Ataulfo dias antes dos sessenta. Em ambos, o apego à aurora da vida justificava-se porque, àquela época, chegar à velhice era raro, incerto, algo entregue à sorte, dada a vulnerabilidade do corpo humano às infecções. A infância e a mocidade eram as fases prováveis da existência!

A vida humana transformou-se! Quando os críticos do evolucionismo questionavam o seu engessamento, Darwin retrucava que a inteligência humana tornaria infinita a evolução. Coincidentemente, coube a outro inglês, o médico Alexander Fleming, a confirmação do acerto darwiniano, o que ocorreu através da descoberta mais vital e impactante da história humana. Em 1928, o doutor Fleming presenteou a humanidade com a descoberta da penicilina, cuja comercialização iniciou-se após a Segunda Guerra, em 1945, ano em que foi premiado com o Nobel de Medicina. Com os antibióticos, doenças como a meningite, tuberculose, pneumonia, sífilis e outras infecções deixaram de ser letais, passando a ser eficazmente tratadas, revolucionando a medicina.

Derrotando os micróbios, a evolução atingiu o seu grau máximo, possibilitando a expansão da vida humana e libertando-a do medo, da precariedade e da incerteza profunda. A senilidade passou naturalmente a integrar a existência humana, desassociando-se da sorte. O homem senil logo tornou-se uma realidade perene, e, com ele, aquela ideia – ainda hoje propagada –

de que "dar-se-ia tudo o que tinha para voltar aos tempos de criança", tornou-se anacrônica pelas maravilhas que puderam ser vivenciadas na senilidade.

Uma destas maravilhas é a majestosa interação entre jovens e idosos, sem a visão estanque do passado. O jovem moderno já compreende que o enobrecimento de sua vida passa pela contemplação do idoso, dele extraindo conhecimentos, experiências e a sabedoria que permitir-lhe-á errar menos e conduzir-se lucidamente.

Com a penicilina, o simbolismo das fases da vida ganhou expressão, convergindo ao ideal evolucionista no sentido de que, em cada pessoa, exista a criança, o jovem, o maduro e o idoso, formando uma unidade acrônica, comunicável, distinguível apenas pelo seu aspecto preponderante.

A penicilina, enfim, permitiu ao idoso contemporâneo não mais assombrar-se com o tempo, mas sim tê-lo como aliado, celebrando a senilidade como grandiosa conquista, orgulhoso de seu significado, e sobretudo sereno por poder recordar a infância querida livre da angustiante ideia de que tudo daria pelo seu regresso.